

MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Há **duas visões diferentes** que podemos ter (**paradigmas**) que se transformam na nossa visão da realidade:

- a objetividade e a neutralidade da ciência, 2 ideias principais
- a relação investigador; realidade investigada

A **ciência**, enquanto atividade coletiva, atinge o equivalente da **objetividade**.

Suspender os seus valores e pontos de vista pessoais quando desenvolvem o seu trabalho de investigação.

PARADIGMA é um conjunto de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico.

METODOLOGIA analisa e descreve métodos, distancia-se da prática para poder tecer considerações teóricas em torno do seu potencial na produção do conhecimento científico. Tem uma **função crítica e reguladora, mas também tem uma função + pragmática.**

MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO constituem um caminho para chegar ao conhecimento científico.

Poderá dizer-se que um conjunto específico de técnicas constitui um método.

O PARADIGMA POSITIVISTA E PÓS-POSITIVISTA:

- explicação;
- objetividade (é essencial);
- previsãp (prever o que acontece + tarde) e controlo;
- replicação (poder ser replicado);
- teoria (é a base de todos os estudos).

METODOLOGIA QUANTITATIVA:

Factos/Reações/Causas ---> Teorias/Hipóteses ---> Amostras/Probabilidades

---> **Estrutura/Mediação** ---> **Investigador** **Distante** --->
Estatística/Generalização/Explicação

PÓS-POSITIVISMO:

Multiplicidade de fontes --> confronto crítico --> maior objetividade possível

PARADIGMA QUALITATIVO (ou interpretativo, hermenêutico naturalista, construtivista, grounded theory)

- relativismo; - indução;
- subjetividade/fusão de horizontes; - circularidade
- invetsigador/ construtor;

- compreensão;
- significado;

METODOLOGIA QUALITATIVA:

observação -- particular -- Ideias e significados -- ação individual

indutivo -- investigador e realidade -- compreensão -----

PARADIGMA SOCIOCRTICO:

- ideologia;
- mudança;
- saber é poder;
- teoria e prática;
- interseção;
- olhar crítico e analítico;
- macro estruturas.

METODOLOGIA ORIENTADA PARA A PRÁTICA

**visão global ---> prática ---> investigador ---> lógica ---> teoria e prática ---> mudança
da realidade comprometida e investigado emancipatória**

EXERCÍCIO 1

A opinião que os estudantes de jornalismo têm sobre a qualidade do jornalismo que se pratica em Portugal é globalmente positiva, mas tem tendência a piorar ao longo do curso. Ou seja, a opinião que têm no 1º ano é favorável, mas é menos favorável a opinião que os mesmos estudantes têm no 3º ano e no 5º ano do curso. Estes são os resultados de um estudo desenvolvido na Universidade do Minho. Um outro estudo de pesquisa mostra que os respondentes que usam a televisão como principal meio para acompanhar a atualidade informativa têm uma opinião mais negativa do que aqueles que recorrem aos jornais. Segundo os autores do projeto de investigação, é importante para a qualidade do ensino e formação do jornalismo conhecer as opiniões e atitudes dos estudantes em relação à prática jornalística e à profissão.

1.1 Indique a "pergunta inicial" ou "questão de pesquisa" que terá dado origem à investigação apresentada anteriormente. O que torna boa a pergunta proposta, a partir das características apontadas por Quivy e Campenhoudt.

Resposta exemplo: Até que ponto é que a opinião dos estudantes de jornalismo em Portugal pode ser explicada pelo diferente uso dos meios de comunicação.

1.2 A partir dos resultados que são relatados no texto, indique uma das hipóteses que terá sido estudada pelos investigadores. Explique por que motivo se trata de uma hipótese bem formulada.

Resposta exemplo: Supomos que há relação entre a opinião que os estudantes de jornalismo têm acerca da qualidade de jornalismo em Portugal e o seu percurso académico de tal forma que a opinião piora à medida que progridem no seu percurso académico.

EXERCÍCIO 2

Numa pesquisa leavda a cabo por investigadores da Universidades do Minho, apurou-se que é possível identificar, no caso dos cidadãos portugueses, um processo de transferência dos utilizadores dos suportes de comunicação tradicionais para digitais, quando se trata de procurar conteúdos informativos. Esta tendência verificou-se tanto para os jornais como para a rádio e para a televisão, mas é especialmente relevante no caso dos jornais, caso em que este processo de migração é cada vez mais acentuado. São vários os fatores que podem explicar este fenómeno, mas os resultados apontam para um papel determinante do custo do acesso. Ou seja, mais do que outros motivos, o livre acesso (sem pagamento) aos conteúdos parece ser determinante na hora de decidir como se vai consumir a informação da imprensa.

1.1 Indique a “pergunta inicial” ou “questão de pesquisa” que terá dado origem à investigação a que se refere o texto.

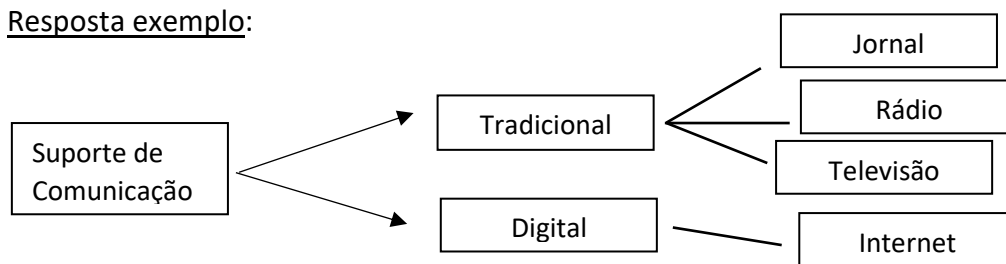
Resposta exemplo: Até que ponto é que a transferência de utilizadores de suporte de comunicação tradicionais para os digitais pode ser explicada pelo livre acesso ou não aos conteúdos.

1.2 A partir dos resultados que são relatados no texto, **indique uma das hipóteses** que terá sido estudada pelos investigadores. Diga **o que é uma hipótese, como deve ser formulada e qual é o seu papel no progresso de investigação, à luz do que propõem Quivy e Campenhoudt.**

Resposta exemplo: Uma hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos que, segundo os casos, podem ser conceitos ou pensamentos. Uma hipótese é, portanto, uma proposição provisória, uma pressuposição que deve ser verificada. Uma hipótese deve ser formulada sob uma forma observável, deve indicar-nos, direta ou indireta, o tipo de observação a recolher, bem como as relações a verificar entre estas observações, para averiguar em que medida a hipótese é confirmada ou infirmada/contrariada pelos factos. A organização de uma investigação em torno de hipóteses é uma boa forma de a conduzir com ordem e rigor, sem sacrificar o espírito de descoberta e curiosidade.

1.3 Escolha um dos conceitos que integram essa hipótese e operacionalize-o (dentro das limitações do que é possível fazer sem ter por referência um enquadramento teórico).

Resposta exemplo:



1.4 Proponha e explique um possível plano de amostragem adequado à situação em causa. Esse plano deverá ser composto por mais do que uma etapa, em que se articule amostragem probabilística com não probabilística. Explique como procederá concretamente em cada uma das etapas.

PARADIGMAS, METODOLOGIA E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO: DOS PARADIGMAS À INTEGRAÇÃO METODOLÓGICA

Um paradigma é...

O conceito de paradigma de investigação pode definir-se como um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico.

O conceito de paradigma dev-se ao célebre historiador Thomas Kuhn que o definiu como sendo, em primeiro lugar, o conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas, pelos membros de uma dada comunidade científica e, em segundo, como um modelo para “que” e para “como” investigação num dado e definido contexto/histórico.

Os paradigmas de investigação não são mais do que esquemas teóricos, com carácter didático, que agrupam o conjunto de cientistas que utilizam uma dada metodologia na prática da investigação, constituindo uma comunidade científica cujos membros partilham “...linguagem, valores, metas e crenças”.

Paradigma → Metodologia → Métodos → Técnicas

Perspetiva, tradição, programa de investigação, paradigma, são, portanto termos idênticos que têm em comum uma ideia fundamental: unificar e legitimar a investigação tanto nos aspetos conceituais como nos aspetos metodológicos.

1.1 O paradigma positivista/quantitativo, interpretativo/qualitativo e sociocrítico

Na atualidade, a opinião mais consensual defende a existência de três grandes paradigmas na investigação:

- o paradigma positivista ou quantitativo;
- o paradigma interpretativo ou qualitativo;
- o paradigma sociocrítico.

Paradigma positivista/ quantitativo

Este paradigma procura adaptar o modelo de Ciências Naturais em Ciências Sociais e Humanas, utilizando basicamente uma metodologia de cariz quantitativo.

A investigação em CSH seguiu este paradigma e o do seu sucessor, o pós-positivismo, impulsionados pelas ideias nascidas do pensamento de Augusto Comte, tão em voga no século XIX. Este defendia a primazia do estágio positivo do conhecimento baseado na observação (só o estágio positivo recusava argumentos metafísicos e especulativos para explicar os fenómenos da natureza).

Esta forma de ver o mundo encontrou na metodologia experimental o instrumento mais eficaz para a sua concretização: o investigador deve levantar hipóteses e submetê-las à confrontação empírica sob rigoroso controlo experimental. Ou seja, os defensores deste paradigma defendiam que o conhecimento se questiona por hipóteses causais e estatisticamente comprovadas.

Características Gerais da Investigação científica segundo o paradigma positivista

- o papel da teoria é crucial – por trás de uma investigação há sempre uma teoria que a orienta e, muitas das vezes, o objetivo central da investigação científica é a verificação dessa mesma teoria;
- o desmantelamento da tradição e autoridade do conhecimento;
- tradição substituída como únicas fontes do conhecimento;
- métodos indutivo como sendo o único método “científico” para os estudos das leis da natureza;
- objetividade do investigador – este deveria permanecer neutro, evitando juízos subjetivos.

Este paradigma de investigação enfatiza:

- o determinismo (há uma verdade que pode ser descoberta);
- a racionalidade (não podem existir explicações contraditórias);
- a impessoalidade (tanto mais objetivos e menos subjetivos melhor)
- a previsão (o fim da investigação é encontrar generalizações capazes de controlar e prever os fenómenos)

Paradigma interpretativo/quantitativo

Surgiu na década de 60 do século XX, nos EUA, quando os cientistas sociais começaram a mostrar real interesse por abordagens de cariz imperativo.

Na década de 70, sobretudo nos EUA, assiste-se a uma verdadeira explosão de pesquisas, espelhando o sentimento que muitas partilhavam da **inoperacionalidade do paradigma positivista que se revelará incapaz de resolver os problemas investigados nas CSH.**

Com os anos chega a fase atual, designada por 4º momento, em que a tónica vai para a construção de teorias que se adaptem a problemas/situações muito específicas.

Características gerais deste paradigma:

- humanista, naturalista, qualitativo, fenomenológico;
- adota **uma posição relativista** – há múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais social e experencialmente localizadas;
- inspira-se numa **epistemologia subjetivista** que valoriza o papel do **investigador/construtor** do conhecimento;

- subjetividade/fusão de horizontes – consciente das suas ideias pré-concebidas (o seu “horizonte”, o investigador busca incessantemente o conhecimento abrindo a “sua” a outras perspectivas (outros horizontes) que com ele se fundem, completam e expandem;
- pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controlo do paradigma positivista pelas de **compreensão, significado e ação**.
- se a ação humana é intencional, pensam, há que interpretar e compreender os seus significados num dado contexto social.
- a produção do conhecimento é concebida como um processo circular . investigar implica ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações. A interpretação da parte depende da do todo, mas o todo depende das partes;
- adoção de um quadro incompatível com as propostas do positivismo e das novas do pós-positivismo.

Paradigma Sociocrítico

Tal como o paradigma positivista também o paradigma interpretativo viria a ser alvo de severas críticas por parte de um outro grupo de autores. O paradigma sociocrítico aglutina todo o conjunto de investigadores para quem o paradigma interpretativo não foi a solução porque “...mudou as regras mas não a natureza do jogo”.

Este paradigma constitui, de certa forma, um desenvolvimento e uma versão modernizada da filosofia marxista.

Trata-se de uma **abordagem “crítica”** na medida em que desafia o reducionismo do paradigma positivista e o conservadorismo do paradigma interpretativo na investigação em CSH. Nem um nem outro incluem nos seus objetivos explícitos a intenção de modificar o mundo rumo à liberdade, justiça e democracia.

A novidade deste paradigma é a introdução explícita da **ideologia** no processo de produção do conhecimento científico. Os diferentes paradigmas da investigação estão sempre ligados e dependentes de determinados interesses sociais.

A Teoria Crítica **rejeita a possibilidade de um conhecimento objetivo**. Não há perspectivas neutras ou desinteressadas na investigação, porque todo o investigador está situado socialmente e defende sempre os interesses de um dado grupo social.

Digamos que este apresenta a nível metodológico algumas presenças com o paradigma qualitativo mas a inclusão da componente ideológica confere-lhe um **cariz** muito mais **interventivo**.

1.2. Dos paradigmas às metodologias

Metodologia

A metodologia analisa e descreve os métodos, distancia-se da prática para poder tecer considerações teóricas em torno do seu potencial na produção do conhecimento científico.

Refere-se à racionalidade do percurso, ou seja, garante-nos que o caminho percorrido leva-nos à “certeza” do conhecimento adquirido.

“Metodologia”, “métodos”, e mesmo “técnicas” são termos que sugerem para designar os diversos meios que ajudam e/ou orientam o investigador na sua busca do conhecimento.

A metodologia tem função crítica e reguladora: “...velar pelos métodos, assinalar os seus limites e alcance, clarificar e valorizar os seus princípios, procedimentos e estratégias mais adequadas para investigação”, ou seja, “refletir sobre os meios que demonstram o seu valor na prática” interessando-se mais “pelo processo da investigação do que pelos resultados”. Mas também uma função mais pragmática “de plano de ação, processo e desenho da escolha e uso dos métodos”.

Em suma, a “metodologia” tem sempre um sentido mais amplo que o “método”, porque questiona o que está por trás, os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhes estão subjacentes e que influem sempre sobre as escolhas que faz o investigador.

O que deve determinar a opção metodológica do investigador não será a adesão a uma ou outra metodologia ou a um ou a outro paradigma, mas a natureza do problema a analisar.

Metodologia Quantitativa

Inspirada no paradigma positivista/quantitativo

Do ponto de vista conceptual, a pesquisa centra-se na análise de factos e fenómenos observáveis e na medição/avaliação de variáveis comportamentais e/ou sócio-afetivas passíveis de serem medidas, comparadas e/ou relacionadas.

Do ponto de vista metodológico, alicerça-se num modelo hipotético-dedutivo, partindo o investigador do paradigma de que os problemas sociais têm soluções objetivas e que estas podem estabelecer-se mediante a utilização de métodos científicos.

A realidade social deve ser objeto de estudo através de uma metodologia única, a científica.

Metodologia Qualitativa

A nível conceptual, o objeto de estudo na investigação não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir das perspetiva dos atores intervenientes no processo.

Metodologia Orientada Para a Prática

A nível conceptual, de salientar a inspiração na filosofia marxista.

Em termos metodológicos, de salientar o facto da investigação orientada não possuir uma metodologia própria no sentido das duas perspetivas anteriores, antes se servir dos métodos de ambas.

A investigação implica uma participação e colaboração estreita entre os atores (investigadores e investigados), a criação de comunidade críticas de investigação, comprometidas em melhorar as práticas.

Método

Os métodos de investigação “constituem o caminho para chegar ao conhecimento científico, (sendo) o conjunto de procedimentos que servem de instrumentos para alcançar os fins da investigação”.

Um conjunto de técnicas suficientemente gerais para serem comuns a um número significativo de ciências, passam a constituir um método.

Dimensão Operativa (como implementar uma determinada metodologia)

Cada método é caracterizado por um conjunto específico e articulado de técnicas e procedimentos (estudo de caso; métodos experimental; histórica/narrativa; investigação-ação; survey research).

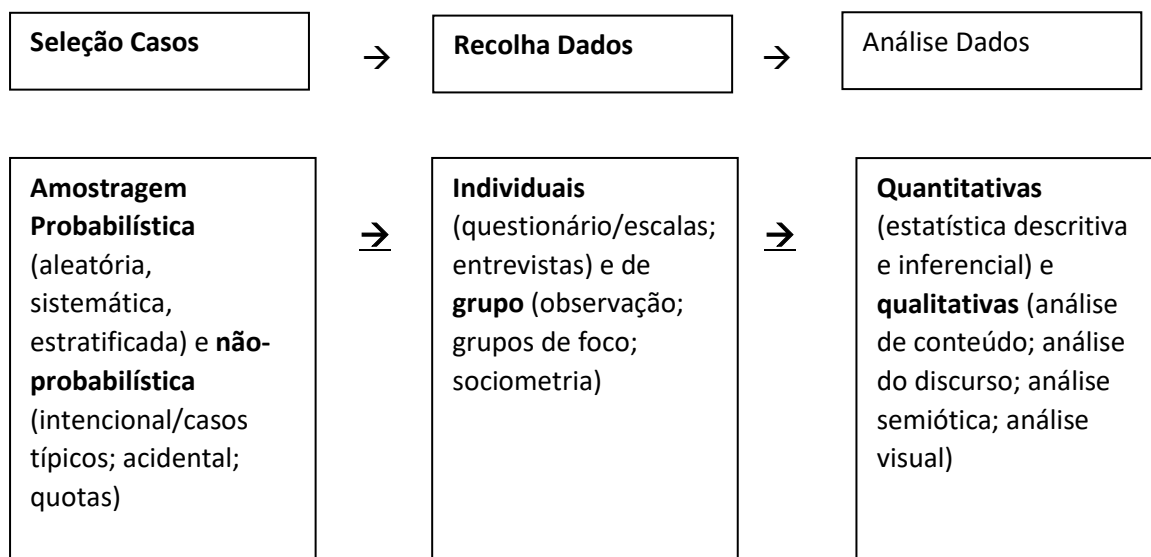
Técnicas

As técnicas são “procedimentos de atuação” concretos e particulares, “meios auxiliares” do método, porque dentro de um método, que é sempre mais geral, podem utilizar-se diversas técnicas.

São os instrumentos que nos permitem executar as tarefas que são necessárias à investigação, com eficácia.

Num primeiro nível, muito próximo da prática, temos as técnicas utilizadas por determinado ramo do saber ou ciência na sua praxis científica.

O método é o caminho e as técnicas são o modo de percorrê-lo. Poderá dizer-se que um conjunto específico de técnicas constitui um método.



Técnicas quantitativas

- Estatística descritiva – serve para sintetizar e descrever sumariamente os dados; as características de cada variável numa população ou numa amostra.

- Estatística indutiva – a sua função é determinar margens de segurança ou generalizar os resultados obtidas na amostra (apenas com amostras probabilísticas).

1.3. A Integração: complementaridade e triangulação metodológica

2. Da problematização à conceptualização: a importância do enquadramento teórico e do modelo de análise

Métodos científico (de investigação)

Atos – Etapas

Rutura – (1) a pergunta de partida (2) a exploração (3) a problemática

Construção – (4) a construção do modelo de análise

Verificação – (5) a observação (6) a análise das informações (7) as conclusões

O processo de uma investigação necessita ser planeado, desde o momento em que se seleciona a problemática, se formulam as hipóteses, se definem variáveis e se escolhem instrumentos, até à fase em que se interpretam e comunicam os resultados. Trata-se da tarefa fundamental em investigação.

Para isso o investigador deve “desenhar” o seu estudo, planificar a investigação a empreender – plano de investigação.

2.1. O processo de definição e formulação de um problema de investigação ou pergunta inicial

Uma investigação envolve sempre um problema, seja ele (ou não) formalmente explicitado pelo investigador.

O problema tem a importante função de focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de “guia” na investigação.

Assim sendo podemos concluir que o problema de investigação é fundamental porque:

- centra a investigação numa área ou domínio concreto;
- organiza o projeto, dando-lhe direção e coerência;
- delimita o estudo, mostrando as suas fronteiras;
- guia a revisão da literatura/enquadramento teórico para a questão central;
- fornece uma referencial para a redação do projeto;
- aponta para os dados que será necessário obter.

Há uma enorme variedade e formas para se definir um problema de investigação. Assim sendo, numa breve análise à literatura podemos encontrar problemas definidos de forma muito vaga e geral, ou, ao contrário, problemas descritos com muita especificidade.

Os critérios a considerar na avaliação dos problemas de investigação são:

- **Exequibilidade** – o problema tem de ser concretizável, ou seja, tem de poder ser respondido mediante a recolha e análise de dados;
- **Relevância** – o problema tem de ser importante para o estado atual do conhecimento; isso é o mesmo que dizer que o problema e os resultados têm de ter importância teórica e prática;

- **Clareza** – o problema tem de ser formulado sem termos vagos ou confusos; deve ser uma pergunta inequívoca, evitando ambiguidades na interpretação, preciso e mostrar a intenção (objetivo) da pesquisa;
- **O problema deve dar pistas para o tipo de investigação**, ou seja, a linguagem que o explícita deve indicar qual a orientação metodológica do estudo a realizar (se o estudo é experimental ou descritivo, etc);
- **O problema deve fazer referência à população ou à amostra**, ou seja, precisar com quem se vai fazer a investigação;
- **O problema deve fazer referência explícita às variáveis** a investigar num nível moderado de especificidade.

2.2. A revisão de literatura/enquadramento teórico: estratégias para exploração e construção (leitura e entrevistas) (2.)

Um dos primeiros propósitos de uma investigação é gerar informação que possa contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno social em estudo, o que implica, necessariamente, identificar toda a investigação anterior relevante com a qual esse fenómeno se relaciona. O investigador nunca faz parte do zero. Existe um corpo de conhecimento que foi estabelecido por outros investigadores, e, por isso, a literatura publicada constitui um importante recurso para o investigador no processo de planificação, implementação e difusão dos resultados da investigação que vai iniciar.

A revisão de literatura consiste na identificação, localização e análise de documentos que contém informação relacionada com o tema de uma investigação específica. **O objetivo da revisão bibliográfica é o de situar o estudo no contexto e, com isso, estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre o tema e o problema que se pretende investigar.**

O investigador pode ser visto como alguém que procura resolver problemas. Uma vez que o objetivo da investigação é aumentar a compreensão de um dado fenómeno, o problema pode ser entendido como um obstáculo a ultrapassar. Para resolver o problema, o investigador deve acrescentar/procurar informação empírica que lhe permita retirar conclusões e fazer recomendações para trabalhos futuros.

Assim sendo, a literatura ajuda a investigador a elaborar o marco teórico/concetual. Este marco constitui-se como o referencial para a investigação na medida em que dá sentido às atividades e procedimentos que vão ser postos em prática, assim como aos resultados que se obtenham.

Leitura e entrevistas exploratórias

Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática da investigação. As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras.

É essencial que decorram de uma forma aberta e flexível. Servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses pré-estabelecidas.

Aula 4

2.3. O modelo de análise como instrumento preparatório da recolha de dados: formulação de hipóteses e operacionalização de conceitos

A fase de construção do modelo de análise constitui a união entre a problemática fixada e o trabalho de elucidação sobre um caso de análise restrito e preciso.

Formulação de hipóteses

A organização de uma investigação em torno de hipóteses constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor. As hipóteses apontam o caminho de procura, fornecendo um fio condutor à investigação e fornecendo o critério para a recolha de dados que confrontará as hipóteses com a realidade.

Uma hipótese é uma resposta provisória a uma pergunta. É uma previsão de resposta para o problema da investigação.

Para construir o modelo, o investigador pode centrar-se nas hipóteses deixando os conceitos num nível secundário, ou fazer o inverso.

a) As diferentes formas de hipóteses

Uma hipótese é uma proposição provisória, uma pressuposição que deve ser verificada.

A hipótese pode apresentar-se como uma antecipação de uma relação entre um fenómeno e um conceito capaz de o explicar.

Mais frequentemente, a hipótese apresenta-se como antecipação de uma relação entre dois conceitos, ou entre os dois tipos de fenómenos que designam.

b) Hipóteses e modelos

O modelo é um sistema de hipóteses articuladas logicamente entre si.

Modelo hipotético-indutivo – produz conceitos operatórios e hipóteses empíricas. É um modelo descritivo.

Modelo hipotético-dedutivo – produz conceitos sistemáticos, hipóteses deduzidas e um modelo teórico. Tem poder explicativo.

c) O critério da “refutabilidade” da hipótese

Um hipótese pode ser gtestada quando existe uma possibilidade de decidir, a partir da análise dos dados, em que medida é verdadeira ou falsa. Sabendo que o conhecimento resulta de sucessivas correções, o investigador não se esforçará por provar a todo o custo o valor de objetividade das suas hipóteses. Nunca demonstraremos a veracidade de uma hipótese.

Uma hipótese só pode ser refutada se admitir enunciados contrários suscetíveis de verificação. A verificação da proposição oposta infirmaria a hipótese de partida.

Operacionalização de conceitos

Durkeim vê no suicídio um fenómeno social ligado, nomeadamente, ao estado de coesão de sociedade. Antes de mais, tem de definir as noções de suicídio e taxa de suicídio de forma

precisa. Estes conceitos devem traduzir a ideia teórica numa linguagem precisa que permita reunir e comparar os dados estatísticos. Esta é a fase da **conceptualização**.

A **conceptualização** retém somente o essencial da realidade. Construir um conceito consiste em determinar as dimensões que o constituem e em precisar os indicadores que permitem a medição dessas dimensões.

Existem duas maneiras de construir um conceito:

- uma é indutiva e produz conceitos operatórios isolados;
- a outra é dedutiva e cria conceitos sistemáticos;

Conceito Operatório Isolado

É construído empiricamente, a partir de observações diretas ou de informações reunidas por outros, que indicam as diferentes dimensões a reter.

Conceito Sistemático

É construído por raciocínio abstrato inspirado no comportamento dos objetos reais e no conhecimento adquirido, articulando-se com um ou outro quadro de pensamento mais geral, a que chamamos paradigma.

Aula 5

3. Do modelo à interpretação dos resultados: técnicas de seleção, recolha e análise de dados

Métodos Científicas (de investigação)

Métodos científico (de investigação)

Atos – Etapas

Rutura – (1) a pergunta de partida (2) a exploração (3) a problemática

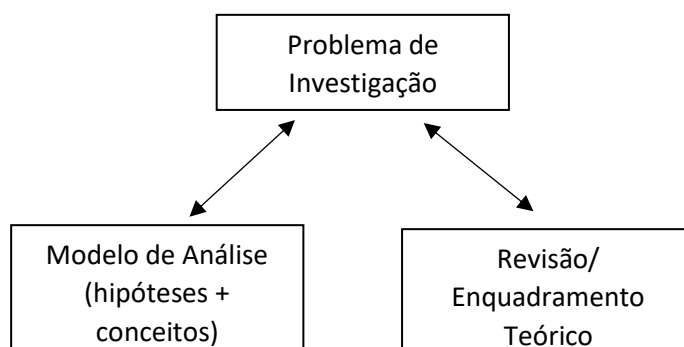
Construção – (4) a construção do modelo de análise

Verificação – (5) a observação (6) a análise das informações (7) as conclusões

- Pergunta Inicial, Fase Exploratória e Problemática não são operações autónomas (circuito de retroação)

- A problemática articula a “rutura” e a “construção”

- O que distingue a Problemática e a Construção do Modelo de Análise é o carácter operatório da segunda



4.1. Técnicas de seleção de elementos (amostragem): amostragens probabilísticas e não probabilísticas

Amostragem é o processo de seleção do número de sujeitos que participam num estudo.

Sujeito é o indivíduo de quem se recolhem os dados (participantes na investigação qualitativa).

População é o conjunto de pessoas ou elementos a quem se pretende generalizar os resultados e que partilham uma característica comum.

Amp